

ARNALDUR INDRIÐASON

O silêncio do tumulto

Tradução

Álvaro Hattnher



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2002 by Arnaldur Indriðason
Publicado mediante acordo com Forlagid www.forlagid.is



Este livro contou com apoio financeiro de Bókmenntasjóður/ The Icelandic Literature Fund

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Grafarþögn

Traduzido da edição americana (Silence of the grave)

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Foto de capa

© Henrik Trygg/ Corbis (DC)/ LatinStock

Mapas

Robert Guillemette

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Indriðason, Arnaldur

O silêncio do túmulo / Arnaldur Indriðason ; tradução Álvaro
Hattinher. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Grafarþögn.

ISBN 978-85-359-1911-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura islandesa) I. Título.

11-05736

CDD-839.693

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura islandesa 839.693

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Ele soube na hora que era um osso humano, quando o tirou das mãozinhas de um bebê que estava sentado no chão, mastigando-o.

A festa de aniversário tinha atingido o auge, com um barulho ensurdecedor. O entregador de pizza chegou e foi embora, e as crianças devoraram as pizzas e tomaram Coca-Cola em grandes goles, gritando umas com as outras o tempo todo. Então todas abandonaram a mesa ao mesmo tempo, como se tivesse soado um sinal, e começaram a correr para todos os lados novamente, algumas armadas com metralhadoras e pistolas, os mais novos segurando carrinhos ou dinossauros de plástico. Ele não conseguia perceber qual era a brincadeira. Para ele era tudo uma única e enlouquecedora algazarra.

A mãe do aniversariante colocou pipocas para estourar no micro-ondas. Disse ao homem que iria tentar acalmar as crianças ligando a televisão e colocando um filme para elas assistirem. Se não desse certo, as mandaria embora. Aquela era a terceira vez que comemoravam o aniversário de oito anos do filho, e seus nervos

estavam a ponto de entrar em colapso. A terceira festa de aniversário em sequência! Na primeira, toda a família foi jantar em uma hamburgueria com preços extorsivos e um som de rock ensurdecedor. Em seguida, ela deu uma festa para parentes e amigos da família, que foi uma ocasião grandiosa, como se o garoto estivesse sendo crismado. Hoje, ele convidara os colegas de classe e amigos da vizinhança.

Ela abriu o micro-ondas, tirou o saco de papel cheio de pipocas, pôs um novo saquinho no aparelho e pensou que no ano seguinte faria tudo mais simples. Uma festa só e pronto. Como quando ela era criança.

Também não ajudava muito o rapaz sentado no sofá ser tão introvertido. Ela tentara conversar com ele, mas havia desistido, incomodada com a presença dele em sua sala de visitas. Impossível tentar conversar: o barulho e a agitação que os garotos faziam deixavam-na completamente perdida. Ele não tinha se oferecido para ajudar. Estava sentado lá, olhando para tudo sem dizer nada. Absurdamente tímido, ela pensou.

Ela nunca vira o jovem antes. Ele provavelmente tinha uns vinte e cinco anos e era irmão de um dos amigos de seu filho que estavam na festa. Quase vinte anos de diferença entre eles. Era magro como um caniço e apertou-lhe a mão na entrada com dedos compridos, a palma da mão fria e úmida, hesitante. Tinha vindo buscar o irmão menor, que se recusara categoricamente a ir embora enquanto a festa continuasse a todo vapor. Decidiram que ele deveria entrar um pouco. Logo tudo iria acabar, ela dissera. Ele explicou-lhe que os pais, que moravam em uma casa geminada no final da rua, estavam no exterior e ele estava cuidando do irmão; ele morava em um apartamento alugado na cidade. O rapaz ficou visivelmente desconfortável no corredor de entrada. Seu irmãozinho tinha desaparecido no meio da confusão.

Agora ele estava sentado no sofá observando a irmãzinha de um ano do aniversariante engatinhando pelo chão na frente de um dos quartos das crianças. Ela usava um vestido branco com babados e uma fita nos cabelos, e soltava gritinhos agudos para si mesma. Em silêncio, ele xingou o irmão. Estar em uma casa de desconhecidos deixava-o constrangido. Ele se perguntou se deveria oferecer ajuda. A mãe do aniversariante lhe dissera que o pai do menino ia trabalhar até tarde. Ele assentira com a cabeça, tentando sorrir. Recusou a oferta de pizza e refrigerante.

Reparou que a menininha estava segurando algum brinquedo que mordida quando ficava sentada, babando copiosamente. As gengivas deviam estar incomodando. Talvez fosse a primeira dentição aparecendo, pensou.

Quando a menininha se aproximou dele com o brinquedo na mão, ele se perguntou o que seria aquilo. Ela parou, torceu o corpo e sentou-se de boca aberta, olhando para ele. Um fio de saliva pendia sobre o peito dela. A menininha colocou o brinquedo na boca, mordeu-o e em seguida engatinhou na direção do rapaz com o objeto preso entre as gengivas. Ao se mover para a frente, fez uma careta e deu uma risadinha, e o brinquedo caiu de sua boca. Com alguma dificuldade ela o encontrou novamente e foi na direção do rapaz, segurando o brinquedo na mão. Em seguida ergueu-se apoiada no braço do sofá e parou ao lado dele, cambaleando mas satisfeita com o que tinha conseguido fazer.

Ele tirou o objeto dela e o examinou. A garotinha olhou para ele confusa e então começou a berrar, desesperada. Ele não demorou a perceber que estava segurando um osso humano — uma costela, de dez centímetros. A cor era de um branco desbotado e o osso estava completamente liso no lugar onde havia quebrado, de forma que não havia pontas, e em seu interior viam-se grandes manchas marrons, parecidas com terra.

Ele supôs que fosse a parte da frente da costela e notou que era bastante antiga.

Quando ouviu a garotinha chorando, a mãe olhou para a sala de visitas e a viu em pé ao lado do estranho. Deixou a tigela de pipoca sobre a mesa, aproximou-se da filha, pegou-a no colo e olhou para o rapaz, que parecia ignorar tanto a presença dela quanto a da menina que chorava.

“O que aconteceu?”, a mãe perguntou ansiosa, enquanto tentava consolar a filha. Ela ergueu a voz em uma tentativa de sobrepujar o barulho dos garotos.

O rapaz olhou para cima, levantou-se lentamente e entregou o osso para a mãe.

“Onde ela conseguiu isto?”, perguntou ele.

“O quê?”

“Este osso”, disse ele. “Onde ela conseguiu este osso?”

“Osso?”, disse a mãe. Quando viu o osso novamente, a menininha se acalmou e tentou pegá-lo, envesgando os olhos de tão concentrada, com mais baba pingando de sua boca aberta. A menina agarrou o osso e o examinou com as mãos.

“Acho que isso é um osso”, disse o rapaz.

A menininha colocou-o na boca e acalmou-se outra vez.

“Essa coisa que ela está mordendo”, disse ele. “Acho que é um osso humano.”

A mãe olhou para a filhinha, que mastigava o osso.

“Eu nunca vi isso antes. Como assim, osso humano?”

“Acho que é uma parte de uma costela humana”, disse ele. E acrescentou, explicando-se: “Eu sou estudante de medicina, estou no quinto ano”.

“Que bobagem! Foi você que trouxe isso?”

“Eu? Não. Você sabe de onde isso veio?”, ele perguntou.

A mãe olhou para a menininha e então arrancou o osso da boca da filha, jogando-o no chão. Mais uma vez, a menininha

começou a chorar. O rapaz pegou o osso para examiná-lo mais de perto.

“Talvez o irmão dela saiba alguma coisa...”

Ele olhou para a mãe, que retribuiu o olhar de forma constrangida. Ela olhou para a menininha, que chorava. Depois para o osso e, em seguida, através da janela da sala de visitas, para as casas semiconstruídas ali perto, depois de novo para o osso e para o estranho, e por fim para seu filho, que saiu correndo de um dos quartos das crianças.

“Tóti!”. Ela chamou em voz alta. O garoto ignorou-a. Com algum esforço ela entrou no meio do bando de crianças, puxou-o para fora com dificuldade e colocou-o na frente do estudante de medicina.

“Isto aqui é seu?”, ele perguntou ao menino, entregando-lhe o osso.

“Eu achei”, disse Tóti. Ele não queria perder nenhum instante da sua festa de aniversário.

“Onde?”, a mãe perguntou. Ela colocou a menininha no chão, que olhou para a mãe, indecisa se deveria ou não começar a berrar novamente.

“Lá fora”, disse o garoto. “É uma pedra engraçada. Eu lavei.” Ele estava ofegante. Uma gota de suor escorria em seu rosto.

“Lá fora onde?”, perguntou a mãe. “Quando? O que você estava fazendo?”

O garoto olhou para a mãe. Ele não sabia se tinha feito alguma coisa errada, mas a expressão no rosto dela sugeria isso, e ele se perguntou o que poderia ser.

“Acho que foi ontem”, disse. “Na construção no final da rua. O que tá acontecendo?”

Sua mãe e o estranho se entreolharam.

“Você pode me mostrar o local exato onde você achou isso?”, ela perguntou.

“Eu preciso mesmo fazer isso? É a minha festa de aniversário”, disse ele.

“Sim, precisa”, disse a mãe. “Mostre onde foi.”

Ela pegou a menina no colo e guiou o filho na direção da porta da frente. O rapaz acompanhou-os de perto. As crianças fizeram silêncio quando viram seu anfitrião sendo pressionado daquele jeito, e ficaram olhando a mãe levar Tóti para fora da casa com uma expressão séria no rosto, segurando a irmãzinha dele no colo. Olharam umas para as outras e então saíram correndo atrás deles.

Foram para a nova propriedade que ficava na rua que levava ao lago Reynisvatn. O Bairro do Milênio. Ele fora construído nos aclives da colina de Grafarholt, em cima da qual os monstruosos reservatórios geotérmicos pintados de marrom elevavam-se como uma cidadela sobre o subúrbio. Ruas tinham sido abertas de cada lado dos reservatórios e uma série de casas estava sendo construída ali, uma ou outra já exibindo um jardim, grama recém-assentada e árvores jovens que iriam crescer e fornecer sombra a seus proprietários.

O bando saiu no encalço de Tóti pela rua mais próxima dos reservatórios. Casas geminadas recém-construídas estendiam-se por gramados, enquanto à distância, ao norte e a leste, predominavam os velhos chalés de verão que pertenciam a pessoas de Reykjavík. Como acontecia em todos os canteiros de obras, as crianças brincavam nas casas em construção, subiam pelos andaimes, escondiam-se nas sombras das paredes solitárias ou escorregavam pelas fundações recém-cavadas dentro da água acumulada ali.

Tóti levou sua mãe, o estranho e o bando todo até um dos canteiros de obras e apontou para o lugar onde havia encontrado a estranha pedra branca, que era tão leve e lisa que ele acabou colocando no bolso, decidido a ficar com ela. O garoto lembrava-se do local exato e saiu correndo na frente, direto para onde

achara o objeto na terra seca. A mãe mandou que ele se afastasse e, com a ajuda do rapaz, desceu até a fundação da obra. Tóti pegou o osso da mão dela e colocou-o no chão.

“Estava aqui, desse jeito”, disse, ainda pensando que o osso fosse uma pedra interessante.

Era uma tarde de sexta-feira, e ninguém estava trabalhando na obra. Tábuas haviam sido instaladas dos dois lados para preparar o local para receber a concretagem, mas a terra ainda estava exposta nas partes em que não havia paredes. O rapaz foi até a parede de terra e examinou o lugar acima de onde o garoto havia encontrado o osso. Escavou a terra com a mão e ficou horrorizado ao ver o que parecia ser o osso de um antebraço enterrado bem fundo no chão.

A mãe do garoto ficou observando o rapaz olhar fixamente para a parede de terra e seguiu o olhar dele até também ver o osso. Aproximando-se, achou que podia distinguir uma mandíbula e um ou dois dentes.

Teve um sobressalto, olhou para o rapaz outra vez e depois para a filha, e instintivamente começou a limpar a boca do bebê.

Ela mal percebeu o que havia acontecido até sentir a dor nas têmporas. De maneira inesperada, ele bateu na cabeça dela com o punho cerrado, tão rápido que ela não viu acontecer. Ou talvez não acreditasse que ele havia batido nela. Aquele fora o primeiro murro e, nos anos seguintes, ela iria se perguntar se sua vida poderia ter sido diferente se o tivesse abandonado naquele exato momento.

Se ele tivesse deixado.

Ela olhou para ele perplexa, sem entender o motivo de ele ter batido nela de repente. Ninguém nunca batera nela. Aconteceu três meses depois do casamento.

“Você me deu um murro?”, ela perguntou, pondo a mão na cabeça.

“Você acha que eu não vi o jeito que você estava olhando para ele?”, disse ele entre dentes.

“Ele? O quê...? Você está falando de Snorri? Olhando para o Snorri?”

“Você acha que eu não percebi? O jeito que você se comportou, como se estivesse no cio?”

Ela nunca tinha visto aquele lado dele. Nunca o ouvira usar aquela expressão. No cio. Do que ele estava falando? Ela trocara umas poucas palavras com Snorri na porta do porão, para agradecer-lhe por ter vindo devolver alguma coisa que ela esquecera na casa onde estivera trabalhando como empregada. Ela não quis convidá-lo para entrar porque o marido estivera mal-humorado o dia todo, dizendo que não queria vê-lo. Snorri fez uma piada a respeito do comerciante para quem ela costumava trabalhar, eles riram e se despediram.

“Era apenas o Snorri”, ela disse. “Não aja desse jeito. Por que você ficou o dia inteiro de mau humor?”

“Você está negando?, ele perguntou, aproximando-se dela novamente. “Eu vi você pela janela. Vi você dançando em volta dele. Como uma vadia.”

“Não, você não pode...”

Ele acertou-a de novo no rosto com o punho fechado, arremessando-a sobre o armário de louças da cozinha. Aconteceu tão rápido que ela não teve tempo de proteger a cabeça com as mãos.

“Não mente pra mim!”, ele gritou. “Eu vi o jeito que você estava olhando pra ele. Eu vi você flertando com ele! Vi com meus próprios olhos! Sua cadela nojenta!”

Outra expressão que ela ouvia dele pela primeira vez.

“Meu Deus”, disse ela. O sangue que saía do lábio superior cortado entrava-lhe na boca. O gosto misturava-se com o das lá-

grimas que lhe escorriam pelo rosto. “Por que você fez isso? O que foi que eu fiz?”

Ele cresceu sobre ela, pronto para atacá-la. O rosto vermelho queimava de raiva. Rangeu os dentes, bateu o pé e então virou-se e saiu do porão. Ela continuou lá, incapaz de entender direito o que havia acontecido.

Mais tarde, ela pensava com frequência nesse momento e se alguma coisa teria mudado se ela tivesse tentado reagir à violência dele abandonando-o, indo embora para sempre, em vez de apenas encontrar motivos para se culpar. Ela devia ter feito alguma coisa para provocar uma reação daquelas. Alguma coisa da qual não tinha consciência, mas que ele percebia, e ela poderia conversar com ele sobre isso quando ele voltasse, poderia prometer que iria melhorar e tudo voltaria ao normal.

Ela nunca o vira se comportar daquele jeito, nem com ela nem com ninguém. Ele era uma pessoa tranquila, tinha um lado sério. Era quase um meditador. Foi uma das coisas de que gostou nele quando estavam se conhecendo. Ele trabalhava em Kjós para o irmão do comerciante que a empregava, entregando mercadorias para ele. Foi assim que se conheceram fazia um ano e meio. Tinham quase a mesma idade, e ele falava em abandonar aquele trabalho e talvez ir para o mar. Ganhava-se muito dinheiro com a pesca. E ele queria ter sua própria casa. Ser seu próprio patrão. Seu trabalho era repressivo, ultrapassado e mal pago.

Ela lhe disse que estava cansada do trabalho com o comerciante. O homem era um avarento que estava sempre passando a mão nas três garotas que trabalhavam para ele. A mulher do patrão era uma velha horrorosa e rabugenta, um verdadeiro capataz. Ela não tinha planos específicos. Nunca pensara no futuro. Trabalho duro era tudo o que conhecia desde a infância. Sua vida não era muito mais do que aquilo.